

www.lux.pt

LUX

ESPECIAL DECORAÇÃO

NOVEMBRO 2013 • €2,50 (Cont.)

Casas com magia

TENDÊNCIAS

as novas bibliotecas
cabedal, pelo, ferro
lareiras

HOTÉIS

destinos de
aventura



SHOPPING
design inspirador



Under Pohutukawa, Pohutukawa Beach
Nova Zelândia

Uma casa nas árvores

Madeiras ao alto, claraboias, tons quentes e materiais nobres num projeto que é a versão adulta e muito contemporânea da clássica e orgânica casa na árvore



O tempo e o espaço

É inverno. Isto é, era inverno no hemisfério sul quando a casa primeiro se deixou fotografar para o mundo. Para um mundo que de pronto espantou, arrebatando um sem-fim de prêmios de arquitetura, incluindo o de Casa do Ano, atribuído já em 2013 (New Zeland Architecture Award). Era inverno no hemisfério sul, temos a certeza, porque as *pohutukawas*, a árvore nacional

da Nova Zelândia, ainda não tinham explodido de cor, pintando as amplas e frondosas copas de vermelho garrido, o que acontece todos os anos por altura do Natal, razão pela qual também são conhecidas naquele país da Oceânia por árvores de Natal, destonando com honras e propriedade cromática o nórdico pinheiro. Como o dia 25 de dezembro, naquelas paragens dos antípodas, na lonjura do hemisfério sul, acontece no verão,





está provado que 'visitámos' esta casa num cálido dia de inverno. Num local tão puro e inalterado, onde o Homem é apenas um visitante, espaço e tempo são igualmente importantes. Daí a necessidade de sabermos com que estação do ano lidamos. É inverno. Determinado o tempo, que justifica a lareira acesa e crepitante, dêmos lugar ao espaço. A casa situa-se numa ininterrupta linha de ancestrais *pohutukawas*, frente ao mar, na praia que leva o nome da árvore, uma espécie protegida por lei.

Alto e bom tom

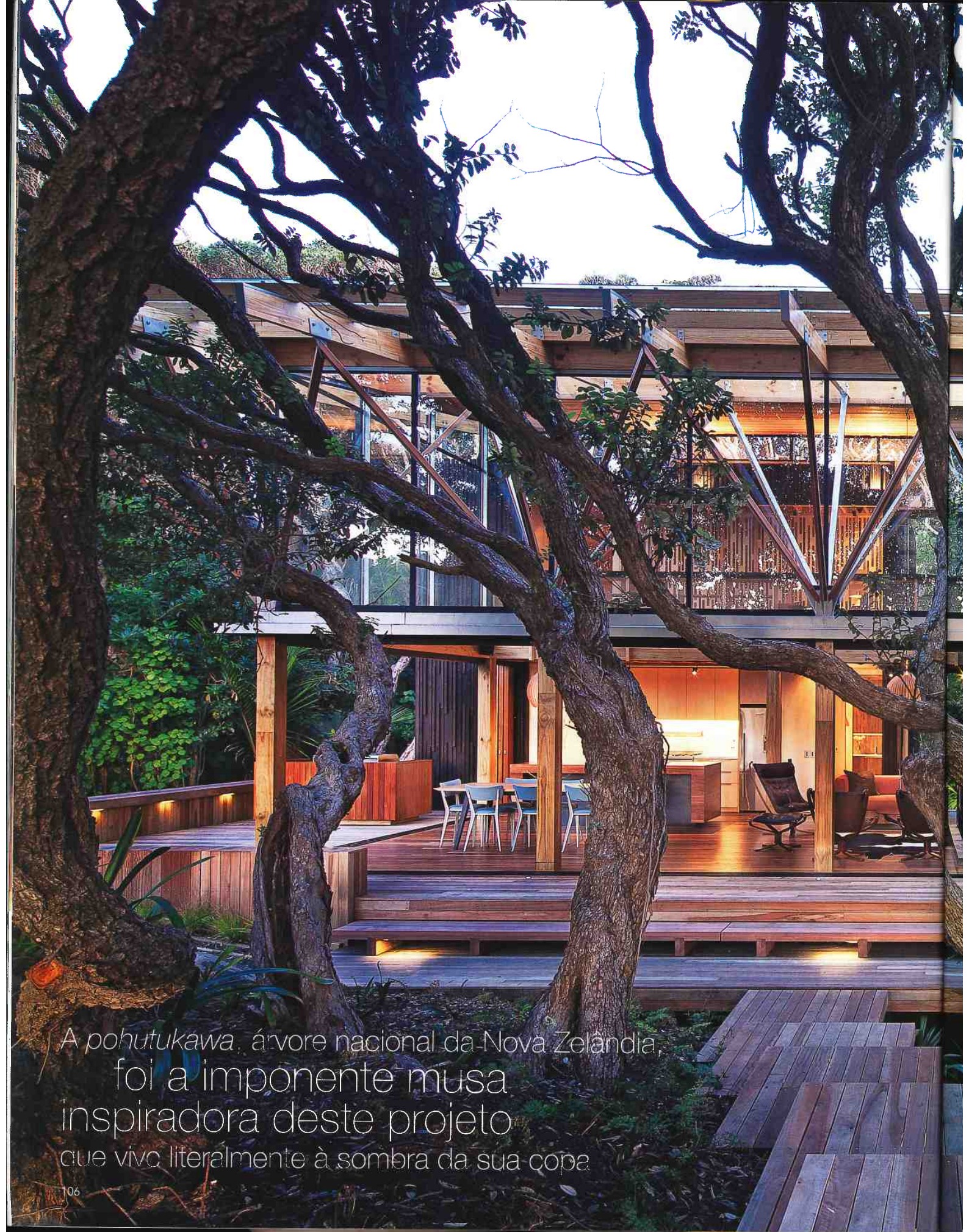
A beleza do local, com as altas copas da mata a servirem de dossel em toda a área do terreno, foi, ao mesmo tempo, um dos maiores desafios que se colocaram a Lance e Nicola Herbst, do gabinete de arquitetura neozelandês Herbst Architects, que

assina este inebriante projeto. "Mais do que permitirem, as circunstâncias ditaram a sensibilidade poética da resposta a um edifício que, a fim de poder existir, requeria a destruição de um largo número de árvores adultas. Para o fazermos, olhámos as próprias árvores, a fim de nos darem as pistas de que necessitávamos", esclarecem os arquitetos. Foi, seguramente, um diálogo proveitoso, com ramificações a todos os níveis, e o abate de árvores reduzido ao mínimo indispensável, como é bom de ver, a avaliar pelos ramos que a toda a volta ainda enfeitam a estrutura. O mais evidente, logo à chegada, é precisamente a forma espetacular como a casa se torna árvore e como esta se assume casa. Alinhada com a altivez dos troncos circundantes, a estrutura eleva-se como um tronco maduro, alongando em seu redor pretensos ramos, por entre os quais, graças a bem estuda-

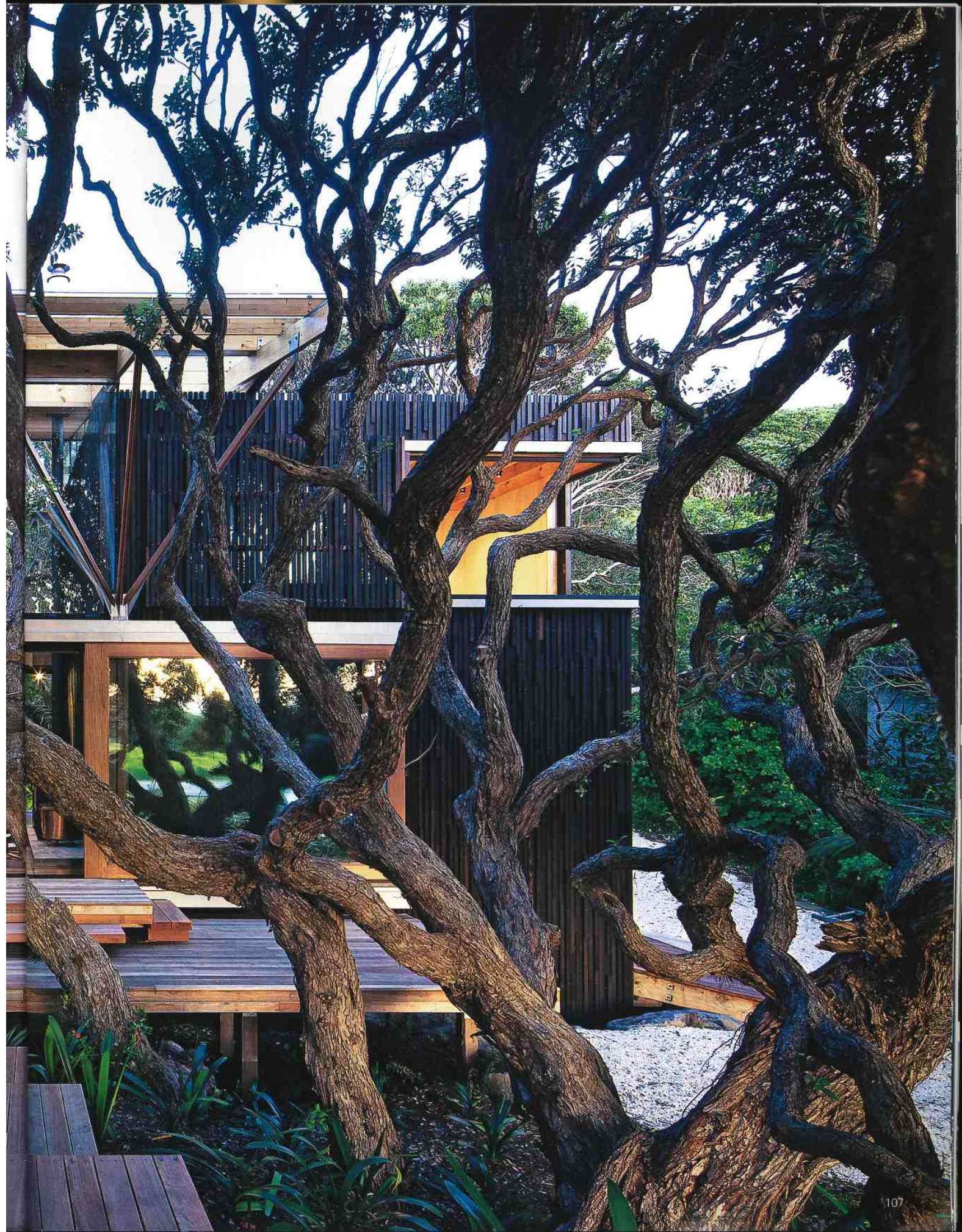
Ramos selvagens e aleatórios lá fora confundem-se
com o *mikado* estrutural
em que, lá dentro, assentam tetos e claraboias



A omnipresente madeira, grande parte aproveitada das árvores abatidas no local de implantação da casa, empresta uma inequívoca sensação de conforto a que não são alheios os tons de mel e avelã, o laranja de alguns têxteis ou o cabedal das poltronas da sala, sem esquecer a lareira, coração da zona social



A pohutukawa, árvore nacional da Nova Zelândia, foi a imponente musa inspiradora deste projeto que vive literalmente à sombra da sua copa.






das claraboias, se acolhem céu e raios de sol, tal como a intermitente sombra de uma árvore. A estrutura, de madeira e metal sustida, divide-se em três corpos explícitos: duas torres, segundo a terminologia dos próprios arquitetos, onde se encontram as áreas privadas, e uma terceira, o espaço público, que liga os dois módulos anteriores, como uma ponte coberta. Assim, com a casa subdividida em áreas de menor dimensão, foi mais fácil determinar o seu 'crescimento', em articulação íntima com um ambiente do qual nunca se separa, nem era essa a intenção. Obedecendo mais a exigências estéticas e de integração espacial do que a uma gestão de recursos, a casa nasce das próprias árvores abatidas, delas se ornamentando a cada detalhe. Ambas as 'torres', que abrigam apenas quartos de dormir e a garagem, nasceram dos toros recém-serrados. Para manter a metáfora da casa-árvore e a aparência e a textura da casca de árvore, as paredes foram revestidas de um ripado tosco e rude, com base numa paleta rústica que mescla preto e castanho. Assim, os espaços interiores parecem áreas escavadas nos próprios troncos, ornamentados depois por móveis estruturais que surgem como que esculpidos no miolo da madeira, mas agora num tom de mel absolutamente acolhedor, cuja tonalidade vai mudando ao longo do dia, ao correr das estações, conforme a incidência da luz, conforme os caprichos do sol e da sombra, tal como a própria floresta lá fora.

Uma árvore por dentro

No intervalo destes dois blocos, surge a mais bem conseguida das áreas, a de convívio, em que o externo dossel de copas se repercute na arquitetura do teto, que termina, ainda no interior, numa extensa claraboia alongada para lá do limite da casa. Sustêm-na galhos e ramos de uma estrutura de ordenação geométrica, de rigor



A modéstia das
áreas internas
reforça o conforto
e o convite para
olhar uma vez mais
lá para fora, onde
a vida acontece

O interior, todo de madeira,
parece esculpido
num tronco da árvore
que lhe deu, e continua a dar, vida



De cor castanho-escuro, quase preto, a casa reveste-se de um ripado tosco que lembra jovens troncos a desbravarem caminho na floresta

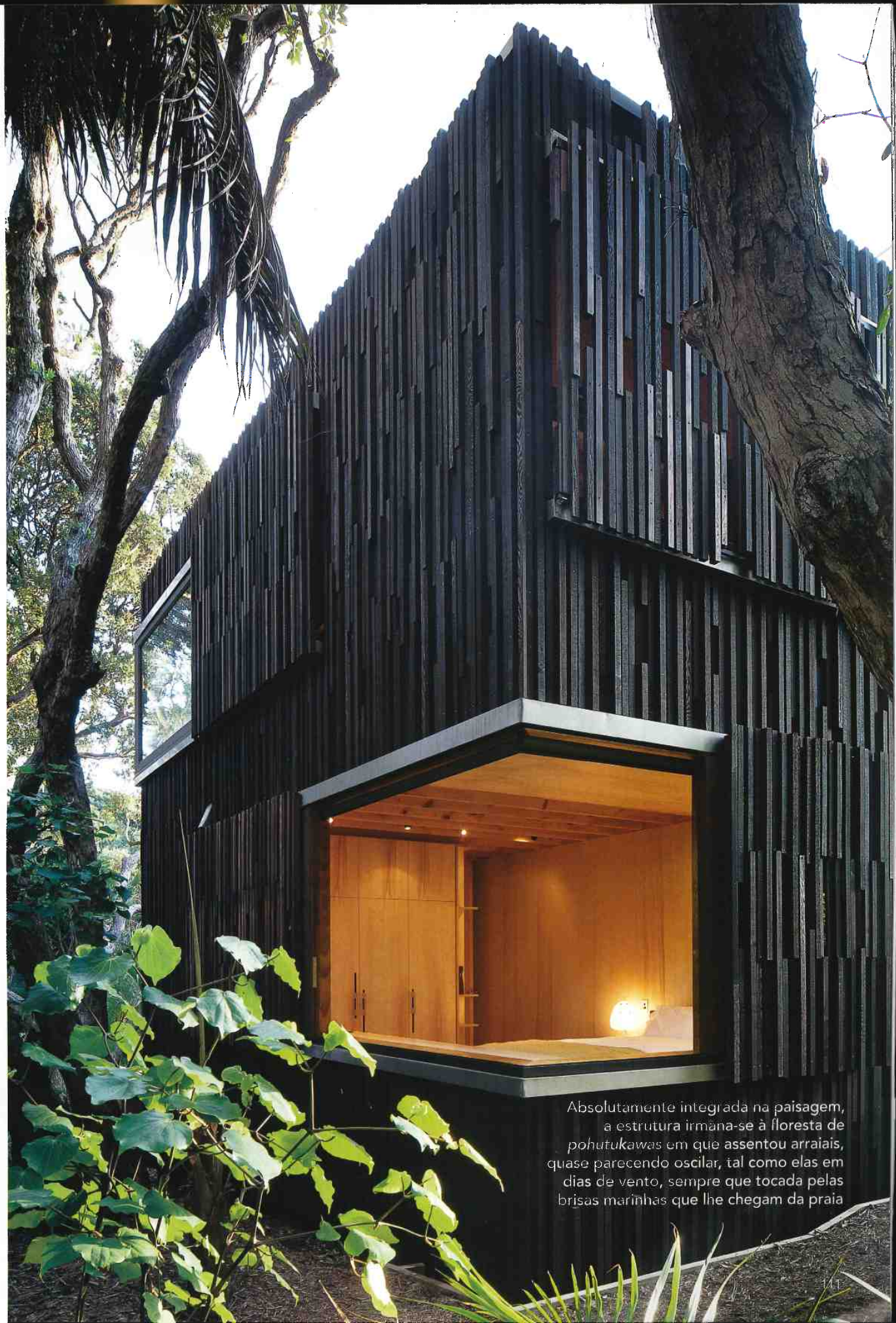
calculado, regulado, mas que se confunde com as livres ramificações das copas lá de fora, filtrando a luz com a mesma magia. Um *mikado* de madeira, com os seus braços erguidos aos céus, sustentando vidros por onde espreitam os ramos verdadeiros e os caprichos do tempo. Com a floresta a ver-se na ostensiva transparência de paredes e tetos, nesta casa, como em poucas outras, estar dentro é igual a estar fora. Como a tentação era irresistível e o engenho o permitiu, a casa une-se à Natureza numa última forma de irmandade: uma ponte/mezanino que, no interior, une os dois blocos fronteiros, e onde é maior a sensação de ter subido às árvores, as quais, não fora o vidro, conseguiríamos agarrar.

Elogio formal

Portudo isto, na declaração final do júri que a elegeu Casa do Ano, pode ler-se: "A partir da estrada, esta casa de praia, na sua configuração de abertura veraneante, lê-se como um acampamento,

enquanto de perto se pode experimentá-la como uma varanda bem localizada. A casa é um sedutor ensaio na relação entre estrutura e configuração, ordem e Natureza, exigências e responsabilidades. Não há nada de improvisado acerca do edifício, o qual é concebido e executado com uma exatidão perfeccionista, sendo igualmente um exercício de grande sucesso na forma como se insere no meio: as árvores *pohutukawas* entre as quais a casa educadamente se aninha estão constante e intimamente presentes. Uma praia emblemática foi agraciada com uma casa requintada." Um projeto singular que deixa clara a possibilidade e até mesmo a necessidade de estabelecer um diálogo com o meio, servindo-se dele, usando 'camuflagens' autóctones, sem ousadias de prima-dona, antes com inteligência e beleza puras. A única forma elegante de dar nas vistas.

TEXTO MARINA RIBEIRO | FOTOS PATRICK REYNOLDS



Absolutamente integrada na paisagem, a estrutura irmana-se à floresta de pohutukawas em que assentou arraias, quase parecendo oscilar, tal como elas em dias de vento, sempre que tocada pelas brisas marinhas que lhe chegam da praia

